



## LOTE MÃE TERRA TERRITÓRIO DE ESPERANÇA E RESISTÊNCIA CAMPONESA AGROECOLÓGICA NO ASSENTAMENTO BELA VISTA IPERÓ/SP.

Fernando Freitas de Almeida <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo buscou compreender o lote Mãe Terra como território de resistência; que tem como ponto de partida: a luta pela permanência: a ocupação de terra e conquista do Assentamento Horto Bela Vista. A pesquisa buscou interpretar diversos aspectos dessa resistência, aspectos econômicos, do modo de vida, das relações de solidariedade e do respeito ao meio ambiente, entendendo assim como garantias da sua reprodução como camponeses, e foi na organização da produção agroecológica e na defesa da reforma agrária que pode-se observar esta concepção guiada pela construção do território de esperança, para tal utilizou-se como metodologia centrais: o trabalho de campo, caderno de campo, entrevistas, fotografias, produção de mapas; que foram fundamentais na observação do lote, lócus da vida cotidiana nos assentamentos.

**Palavras-chave:** Agroecologia, Território, Resistência, Assentamento.

### RESUMEN

Este artículo buscaba entender el lote de Mãe Terra como un territorio de resistencia; que tiene como punto de partida: la lucha por la permanencia: la ocupación de tierras y conquista del Asentamiento Horto Bela Vista. La investigación buscó interpretar diversos aspectos de esta resistencia, los aspectos económicos, la forma de vida, las relaciones de solidaridad y respeto por el medio ambiente, entendiendo así cómo garantizar su reproducción como campesinos, y fue en la organización de la producción agroecológica y la defensa de la reforma agraria que se pueda observar esta concepción guiada por la construcción del territorio de la esperanza, para eso se utilizó la metodología central: trabajo de campo, cuaderno de campo, entrevistas, fotografías, elaboración de mapas; que fueron fundamentales en la observación del lote, el lugar de la vida cotidiana en los asentamientos.

**Palabras clave:** Agroecología, Territorio, Resistencia, Asentamiento.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, [fernando.f.almeida@unesp.br](mailto:fernando.f.almeida@unesp.br)

--	--	--



## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta as principais estratégias de resistência identificadas durante a pesquisa de mestrado no lote Mãe Terra como parte dos resultados da pesquisa de mestrado intitulada “AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA CAMPONESA NO LOTE MÃE TERRA DO ASSENTAMENTO HORTO BELA VISTA DE IPERÓ (SP).” desenvolvida no PPGGEO – Programa de Pós graduação em Geografia – UFSCAR – campus Sorocaba. Buscou-se identificar como objetivo da pesquisa as estratégias de resistência no Assentamento Bela Vista de Iperó/SP e foi possível compreender o lote Mãe Terra a partir de sua centralidade política no assentamento como território de esperança.

Cabe ressaltar que a compreensão de território de esperança está ancorada na perspectiva de Moreira e Targino (2007) no qual o território apesar de ser compreendido na sua totalidade, entende-se que é dotado de contradições e diversos tipos de organização dentro do seu desenvolvimento e a partir disto a territorialização da esperança pode ser pensada.

Entende-se como central na pesquisa também os estudos em torno dos assentamentos rurais, sobretudo por entender o mesmo como ponto de chegada da luta do movimento camponês sem-terra e como ponto de partida na luta do camponês territorializado, tal como a compreende Fernandes (1999), Fernandes (2001), Feliciano (2009) e Bombardi (2004), no qual o assentamento é entendido como materialização da luta do campesinato como classe.

Para tal, os trabalhos de campos tiveram uma centralidade, ocorreram em momentos distintos da pesquisa, sendo que à vivência, de 15 a 20 novembro de 2018 no Lote Mãe Terra e o campo na disciplina de geografia agrária em 2019 pontuam como fundamentais, sendo possível utilizar como metodologia; o registro em caderno de campo, entrevista de gravador (Queiroz, 1983), a fotografia e o mapeamento.

As entrevistas que interessa a este artigo foram realizadas com os assentados Maria e William do lote Mãe Terra, que para além de serem assentados, ambos fizeram

--	--	--



o curso de Agronomia com ênfase em Agroecologia na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), possibilitado pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária); pode-se então com a entrevista revelar suas visões sobre a produção agroecológica, sobre suas perspectivas sobre a reforma agrária, suas visões políticas, podendo a partir do que foi dito entender melhor estas estratégias.

Os registros fotográficos são entendidos como documentos de um dado tempo histórico, fundamental a geografia, e não é vista apenas como ilustração do que está sendo registrado no artigo, mas como parte integrante do trabalho.

Ainda foi possível fazer o mapa de localização do lote e um croqui da organização do lote mostrando a perspectiva agroecológica do lote e possibilitando uma representação que ajuda a refletir esta territorialização.

O lote torna-se fundamental na pesquisa, pois é na escala do cotidiano dos assentamentos de reforma agrária que a resistência se territorializa, sobretudo, quando o mesmo se organiza dentro da bandeira da agroecologia e do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

E é dentro de um contexto de uma política de assentamento insuficiente, fragmentada e descolada de um projeto democrático de sociedade; sobretudo amparada por um projeto de contra reforma agrária em curso no país há décadas e aprofundada no pós-golpe, que contraditoriamente os assentamentos rurais resistem. E são estes assentamentos fragmentados territorialmente, que muitas vezes se mostram coerentes no que diz respeito à luta camponesa e organização do MST em torno da permanência e da defesa da reforma agrária.

Nesta perspectiva, a resistência camponesa garante a reprodução do campesinato enquanto classe, que se dá em diversas escalas, que foram possíveis de identificar dentro do assentamento e do Lote Mãe Terra estes aspectos de resistência, dentre as quais: da produção, das relações políticas e da cultura.

Destaca-se no processo de construção da resistência dos camponeses a partir de forças locais um conjunto de características e manifestações relacionadas à economia, cultura, costumes, política, relações de parentesco e vizinhança, compadrio, relações familiares e de gênero, socialização das crianças, etc. (FABRINI, 2006, p. 78)

--	--	--



E na busca desta coerência na luta no campo; que agroecologia se torna conceito chave no entendimento, mas vista não como um modelo ou fórmula, mas como contra modelo ao capitalista, tal como aponta Rosset (2017) e Rabello (2018), sendo assim um conjunto de estratégias do campesinato.

Foi na busca pela organização das estratégias de resistência no assentamento Horto Bela Vista durante a pesquisa de mestrado que chegamos no lote Mãe Terra, e é a partir da organização do cotidiano dos camponeses assentados que as provocações deste artigo se fazem necessárias.

## **LOTE MÃE TERRA E AGROECOLOGIA**

O lote Mãe Terra é entendido para além do lugar de produção de alimentos agroecológicos, mas como um centro comunitário da vida do assentamento Horto Bela Vista, lugar de centralidade das reuniões políticas, da distribuição de alimentos, das cestas agroecológicas e lugar de festas e eventos. Articulação esta que foi possibilitada somente a partir da organização política dos próprios camponeses, pois sabe-se que o Assentamento Horto Bela Vista no que diz respeito a sua forma de organização foi definida junto ao Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) como lotes individuais, o que afasta geograficamente as casas, diferentemente de outras formas, tais como as agrovilas, que aproxima os camponeses.

Cabe ressaltar que este cenário pode agravar com a votação da PL 410/21 que visa emitir a outorga de título de domínio e transferência da propriedade resolúvel de lotes às famílias no Estado de São Paulo, podendo fragmentar ainda mais os assentamentos, individualizando os lotes e transformando até então a concessão terra pública em propriedade privada individual.

A proximidade do lote com a cidade, a centralidade no assentamento e o fácil acesso a Estrada Tatuí Iperó pontuam como facilitadores no que diz respeito à distribuição dos alimentos agroecológicos, não só do lote, mas também dos demais assentados que deixam recorrentemente seus alimentos para coletas no Lote Mãe Terra.

Semanalmente (às segundas feiras) o CSA (Comunidade Sustenta a Agricultura) que conta com 56 famílias passa no lote para buscar os alimentos agroecológicos

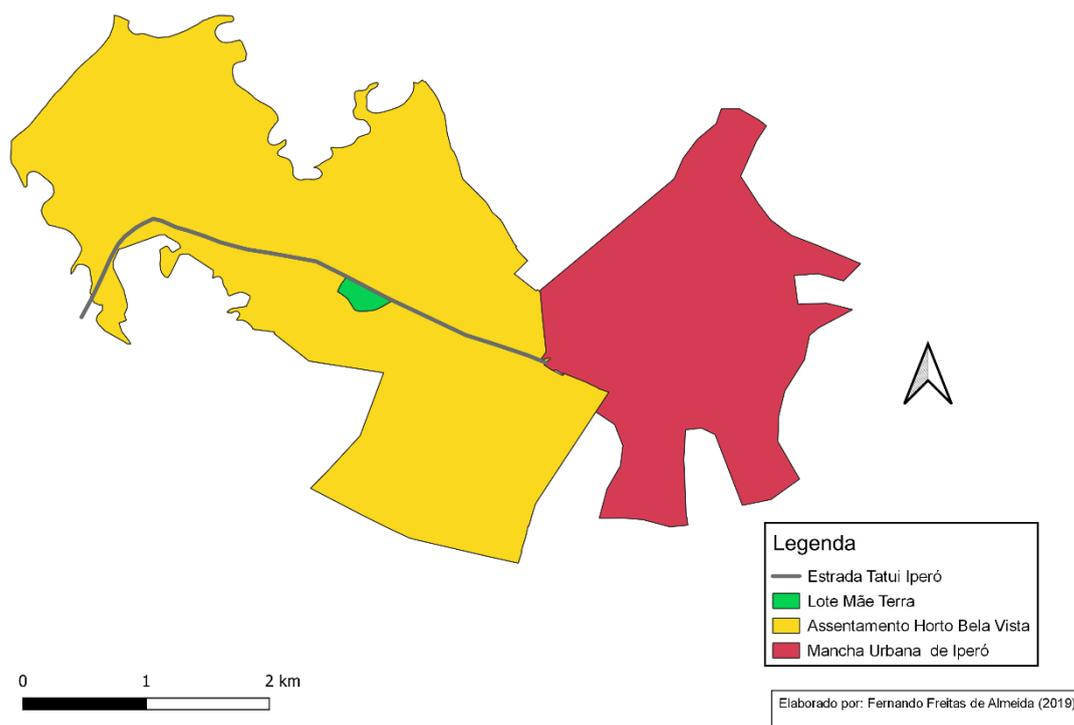
--	--	--



produzidos pelo lote e outros 4 lotes do assentamento conforme aponta Almeida (2019), além do CSA utilizar o lote frequentemente para fazer reuniões, definir as estratégias de produção, visita de campo e festas culturais.

*Aqui eu não tenho a temporalidade só de plantar um pé de fruta e ver o fruto nascer, mas também dessa história, que está inserida nessas pessoas, essas pessoas [...] fortalecendo e daí vem também essa questão da comercialização, no processo de ideia de comercialização solidária com esses produtos orgânicos e biodinâmicos e agroecológico e também da comunidade que sustenta a agricultura - CSA Sorocaba que hoje tem 56 famílias e a gente agora estamos se organizando para ter produção suficiente para aumentar esse número de família (Maria).*

### Mapa 1: Lote Mãe Terra e sua Localização



O caminhão responsável pela distribuição dos alimentos fica responsável por buscar os alimentos agroecológicos do CSA, passa também no assentamento Ipanema, sendo que também são utilizados para transportar produtos para o Instituto Terra Viva de Sorocaba e o Instituto Chão de São Paulo.





Foto 1: Caminhão responsável pela distribuição do CSA no Lote Mãe Terra.



Foto: Fernando Freitas de Almeida (2018)

A escolha pela produção de alimentos agroecológicos explica-se pela orientação do MST, mas também pelas trajetórias dos assentados, pois, tem-se em suas vidas marcas profundas, devido intoxicações na produção de tomate e uso de veneno em monocultivo anterior a organização com movimento, como afirmou William em entrevista “Trabalhamos 3 anos com lavoura de tomate, os 3 anos foi só decepção né, quase morreu eu e meu irmão, quase morremos de intoxicação com veneno, muito veneno no tomate e dinheiro nada, aí a gente acabou desistindo” e também Maria

*Nessa proposta da produção, principalmente na produção, a minha proposta é de produzir sem veneno, pelo meu pai ter sido vítima do veneno e vi vários sendo vítima do veneno; e nessa da produção sem veneno, nós não tínhamos muito nome na época e a gente começou a produzir orgânico (Maria)*

Cabe destacar que os problemas em relação a intoxicação causadas por veneno é comum e faz parte da lógica de produção capitalista de alimentos, contaminando também os cursos fluviais e águas subterrâneas, matando animal como aponta a autora

Na saúde muitos são os danos causados por esses venenos. Assim pode ser compreendido que os agrotóxicos não são remédios e sim veneno para a saúde do trabalhador e para o ambiente, pois são substâncias carcinogênicas e que estão ligadas a intoxicação, problemas endócrinos, respiratórios e de mutações; além de repelir e matar animais que são considerados primordiais para o ciclo na natureza, a exemplo das abelhas; e contaminar águas, sejam

--	--	--



elas superficiais e subterrâneas, trazendo problemas não só para quem trabalha diretamente com a substância. (REGALA,2021 pg. 91)

A consciência prática e teórica adquirida através da luta junto ao MST, na produção de alimentos agroecológicos e na formação no PRONERA, possibilitou a consciência política da Maria, que coaduna com as pesquisas mais recente da área tendo em vista que sua fala vai de encontro com a pesquisa da Regala (2021):

*Porque nessa época, já estava tendo muita difusão da monocultura como pacote do veneno, e meu pai já estava muito mal de saúde, e ele dizia que quando agricultura precisa pôr veneno, não mata só as pessoas, mata o ambiente, mata as pessoas também, que não queria ficar nem matando o ambiente e nem morrer de morte desse tipo (+) mas ele foi muita vítima disso, marcou minha vida (Maria).*

Cunha (2021) e Lino (2014) em suas análises durante a pesquisa traz como fundamental a importância das mulheres no desenvolvimento da agroecologia nos assentamentos de Iperó, pois, atribui em grande medida ao setor de gênero esta demanda por agroecologia e alimentos sem venenos nos assentamentos do MST.

Lino (2014) traz uma pista importante para nós geógrafos de como os quintais que eram vistos como uma complementação da renda camponesa atribuída como tarefa quase unicamente feminina, tem sido considerado uma das formas mais importantes de resistência camponesa nos assentamentos.

A importância da contribuição das mulheres tem sido central nos assentamentos em decorrência de um condicionamento histórico, nos últimos dez anos até a constituição dos coletivos de gênero do MST, que influenciaram discussões e práticas sociais nos assentamentos da região de Sorocaba que envolviam essa dimensão de gênero. Associada aos processos de enfrentamento da luta pela terra, trouxe uma outra dimensão de análise ao acúmulo das experiências de luta, a perspectiva do desenvolvimento sustentável, que conformou na concepção de agricultura agroecológica, e tem problematizado a perspectiva do próprio futuro da humanidade e questionado a lógica caótica do funcionamento do capital. (LINO,2014. PG. 152)

É a partir deste contexto que o interesse pela produção de alimentos sem veneno torna-se realidade no Assentamento e também no lote Mãe Terra, cabe pontuar que o conceito de agroecologia chega ao assentamento posteriormente, pois, na época os assentados de Iperó utilizavam o conceito de agricultura biodinâmica no início dos anos

--	--	--

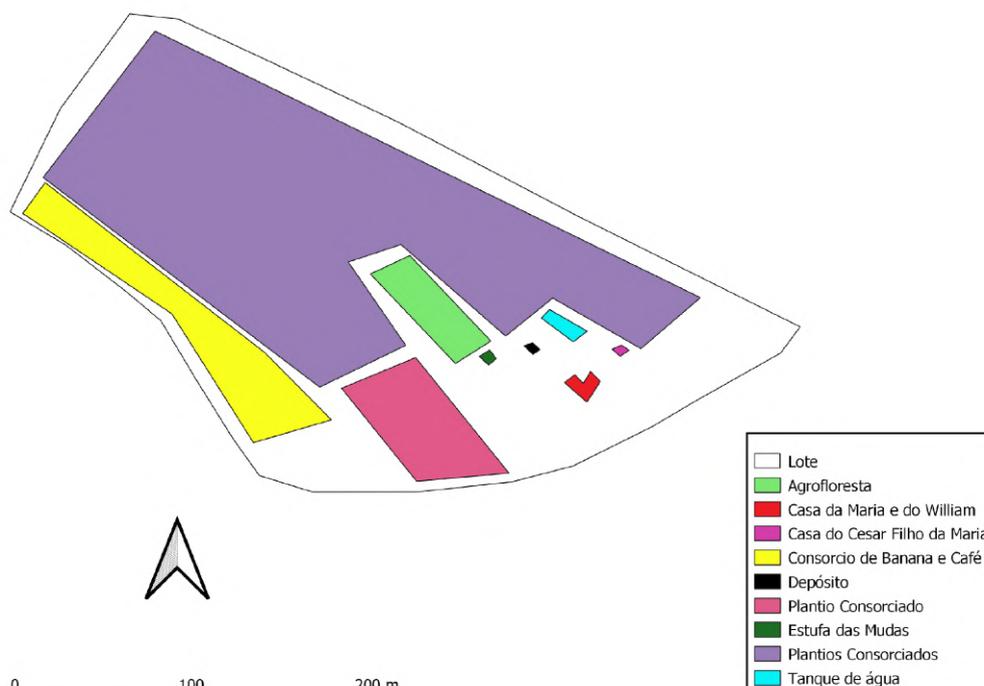


2000, que segundo a Maria já era agroecologia, pois, já havia na época uma rede de apoio e a consciência por uma produção livre de veneno :

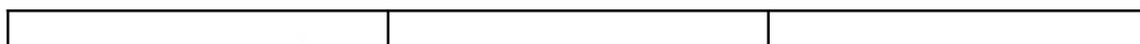
*A gente já tinha em volta daqui o Projeto da agroecologia, na época não falava isso não né. E daí a gente encontrou uma companheirada que tava muito interessado a gente fez o curso fundamental biodinâmico 99/2000 e a gente começou a fazer produção biodinâmica e ficamos 9 anos certificados pela IBD essa proposta de fazer agroecológica e dinâmica deu vamos dizer sim uma qualidade diferente para gente né de ter parceiros e aliados de dessa questão da produção dos alimentos sem veneno (Maria)*

Neste sentido, a produção de alimentos agroecológicos no lote se dá sobretudo a partir de duas técnicas conforme apresentado no mapa 2, que são: a produção por sistemas agroflorestais e os plantios consorciados. A produção de alimentos consorciados permite uma diversidade de alimentos em diversos tempos, já a agrofloresta é a forma no qual o lote encontrou de criar uma relação melhor com o meio ambiente garantindo ainda a produção de alimentos.

**Mapa 2: Lote Mãe Terra e sua Organização**



Elaborado por: Fernando Freitas de Almeida. Ano: 2019





Na dinâmica do plantio em consórcio os camponeses precisam entender os diversos tempos, como exemplo foi observado em campo o consórcio de mandioca, mamão e café, sendo que a mandioca vai produzir primeiro, posteriormente o mamão e o café por último, isto possibilita que a família tenha alimentos agroecológicos em diversos tempos e uma troca de nutrientes entre as plantas; como a produção se dá em tempos diferentes não tem uma disputa por nutrientes na produção.

Para além da produção de alimentos tradicionais, há no lote o cultivo e coleta de PANCS (Plantas Alimentícias Não Convencionais) tendo como exemplo a ora-pro-nóbis que tem bastante procura atualmente sobretudo dentro do CSA, além disto o lote funciona como guardião de sementes crioulas, dentre as quais, a de milho, revelando um questionamento do sistema de monocultivo, que dentro da agricultura capitalista há uma racionalização dos alimentos que serão vendidos a partir da lógica do lucro.

Outro exemplo é o cultivo de sementes crioulas, como a de milho, denominado de “variedade”, resultante de experiências feitas, geralmente, em grupos dos pequenos agricultores. Nesta técnica de produção de sementes faz-se o cruzamento das várias espécies de milho num campo experimental. As sementes produzidas poderão ser utilizadas de um ano para o outro, ao contrário do que ocorre com as sementes híbridas e mais recentemente os cultivos de plantas geneticamente modificadas, que se prestam a uma única safra. (FABRINI, 2006, p. 81)

A produção de sementes e mudas presentes no lote dá uma maior autonomia no controle da produção agroecológica, pois afasta o camponês da dependência imposta pelo mercado tipicamente capitalista, que visa o lucro com a venda de insumos, muitas vezes subordinando os camponeses a esta lógica, a estufa dá ao lote uma autonomia maior do que outros lotes que não possuem sua produção de mudas e precisam comprá-las.

--	--	--



Foto 2: Estufa de mudas agroecológicas



Foto: Fernando Freitas de Almeida (2019)

Fabrini (2006) chama atenção que outro elemento de resistência camponesa diz respeito à produção artesanal dos instrumentos necessários ao trabalho, dentro da produção de alimentos, visto também no lote como forma de fugir da lógica da compra, assim William mostra na foto 3 um vaso produzido a partir de jornais velhos.

Tem procurado forjar ainda, uma agricultura camponesa em que parte dos instrumentos, ferramentas, conhecimentos e técnicas são elaborados pelos próprios camponeses, procurando depender cada vez menos daquelas técnicas produzidas na esfera da produção de mercadorias e nos interstícios da produção capitalista. (FABRINI,2006, p. 80)



Foto 3: William mostra um vaso produzido a partir de jornais velhos.



Foto: Fernando Freitas de Almeida (2019)

Outro elemento que possibilita a resistência e ajuda a ampliar a Rede de relações do assentamento é às constantes visitas, sobretudo da UFSCAR campus Sorocaba e da UNESP (Universidade Estadual Paulista) campus Boituva, além do CSA Sorocaba, momentos que fazem parte da formação destes sujeitos e possibilita uma compreensão da produção Agroecológica que tem pouco espaço na universidade quando compara com a agricultura capitalista.

É sobretudo nestes momentos que a visão política dos assentados sobre: a defesa da reforma agrária, a potência da agroecologia, as preocupações com a conjuntura política aparece no horizonte das falas, pois, é através dos diálogos com outros sujeitos que o MST acredita que seja possível pensar em uma reforma agrária.

*Reforma agrária ela vem para contribuir com a sua parte nesta evolução da nossa sociedade, é necessário, é mais que necessária, nesse momento, eu tenho esperança, mas ao mesmo tempo me dá um medo, porque a situação que nós estamos, ela pode ser feita, a reforma agrária para ajudar nessa demanda que a gente tem como sociedade brasileira, mas também pode ser feita a partir de outras iniciativas populares, para instalar a Barbárie, então mesmo tempo né, eu tenho sim convicção de que a reforma agrária é necessária e ela precisa acontecer para a gente ter esse salto, mas eu não tenho segurança de que ela aconteça por conta do que a gente tem visto por último aí no contexto dos políticos brasileiros. (Maria)*

--	--	--



Foto 4: Almoço Caipira no lote Mãe Terra assentamento Bela Vista

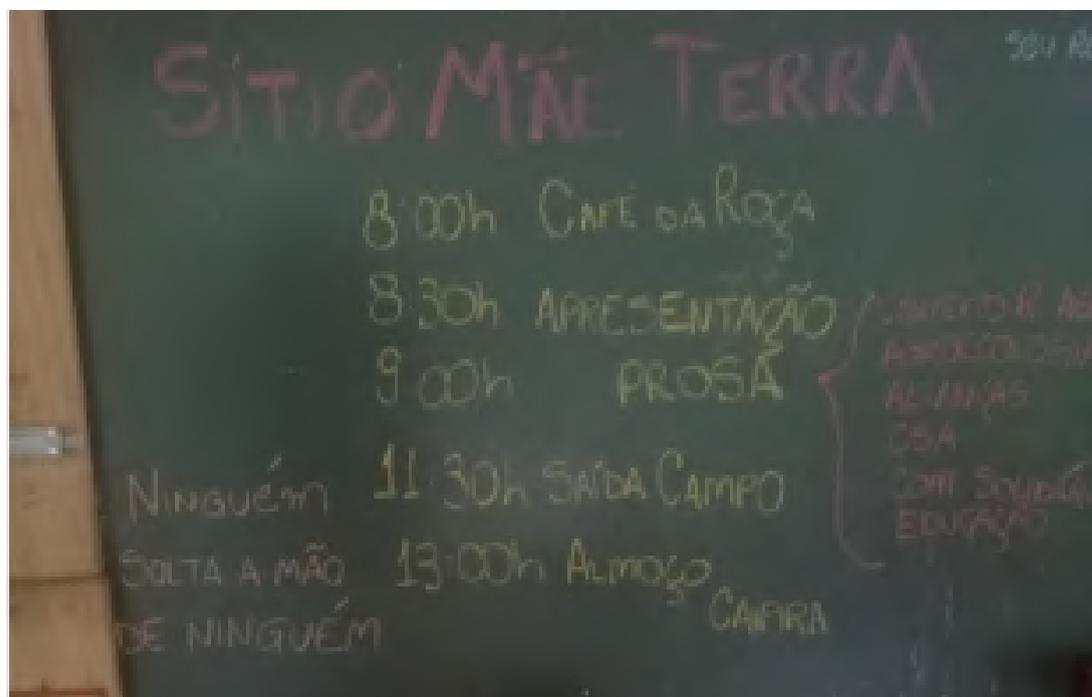


Foto: Fernando Freitas de Almeida (2018)

Há no lote conforme foto 3, uma interessante organização de visitas, normalmente marcada pela organização do café na roça coletivamente entre os assentados, seguido do momento chamado prosa: onde torna-se possível compartilhar as visões sobre a conjuntura política, o histórico do assentamento, o futuro do assentamento e outros temas ligados a agroecologia, seguido de uma saída de campo no próprio lote, no qual torna-se possível apresentar a produção dos alimentos agroecológicos, finalizando sempre com almoço caipira; e é nestas atividades que foi possível ser acompanhada em campo que mostra-se mais uma estratégia de resistência.

Sendo assim é na produção, na relação com outro, no respeito ao meio ambiente, na prática educacional, que podemos pensar o lote Mãe terra como território esperança, ou seja na práxis do dia-dia.

*A esperança que nos move né, então eu acho que enquanto eu estiver respirando em cima dessa terra, eu vou acreditar que um dia a gente vai fazer reforma agrária, mas é lógico com muita luta né, eu tenho esperança sim, porque eu acho que o dia que eu perde a esperança é porque eu já não*

--	--	--



*presto pra mais nada, a vida para mim não faz sentido, porque a gente sempre desde que a gente teve essa consciência política, que a gente entendeu que a fome no Brasil, ela só vai ser resolvido, a miséria, ela só vai ser resolvida, com distribuição de terras, para o povo plantar comida, tem que ter comida na mesa povo e só vai ter comida com fartura e de qualidade, quando se fazer reforma agrária nesse país né, e eu acredito nisso piamente (William).*

O conceito de *produção de resistência* Fabrini (2006) ganha uma potencialidade quando visto na escala local, camponesa, pois é a forma que o lote Mãe Terra e muitos outros lotes encontraram para diferenciar da agricultura capitalista, diante de uma conjuntura de ataques constantes aos camponeses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na contramão dos *territórios de exploração* Moreira e Targino (2007) que o Lote Mãe Terra se articula, através da produção, organização das cestas agroecológicas, dos estudos, de reuniões políticas e do cotidiano que reflete os princípios da agroecologia a respeito do mesmo ambiente.

O estudo na escala do lote, permite um olhar para lócus da resistência da vida cotidiana dentro dos assentamentos, possibilitando assim analisar de perto, a articulação política, a visão da reforma agrária dos assentados, sua a organização da produção, além de aspectos culturais ; todos estes elementos fundamentais na análise da territorialização camponesa.

A agroecologia como um contra modelo ao de produção capitalista de alimentos, torna-se necessário, pois aponta para um caminho importante, de produção de alimentos e organização do campo brasileiro engrossando as fileiras que vêm sendo percorrido há tempos por quilombolas, indígenas e povos tradicionais.

Por fim , faz necessário fazer autocrítica da escolha do olhar para um único lote; pois pode-se esconder muitas relações sociais, perdendo parte da visão da totalidade dentro do assentamento, das possíveis diversidades de organizações dos lotes do mesmo, mas nos ajuda revelar outros aspectos quando aproximamos o olhar do cotidiano dos camponeses assentados, do diálogo e da memória.

--	--	--



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. F. **As estratégias de resistência camponesa no lote Mãe Terra do assentamento Horto Bela Vista de Iperó.** 2019. Dissertação – Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.

BOMBARDI, L. M. **O bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa.** 1º ed. São Paulo: Annablume, 2004.

CUNHA, J. S. R. **A soberania alimentar como modelo produtivo de alimentos: Perspectivas do campesinato - sítio Mãe Terra do assentamento Horto Bela Vista.** Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021.

FABRINI, J. E. A escala da luta e resistência camponesa. **Geosul**, Florianópolis, v. 21, n. 42, p 63-91, jul./dez. 2006.

FELICIANO, C. A. **Terra em Disputa: Terras (re)tomadas no Pontal do Paranapanema.** Tese (Doutorado) - São Paulo: DG/FFLCH/USP, 2009.

FERNANDES, B. M. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro: formação e territorialização do movimento dos trabalhadores rurais sem terra - MST 1979-1999.** Tese (Doutorado) - São Paulo: DG/FFLCH/USP, 1999.

FERNANDES, B. M. A ocupação como forma de acesso à terra. **In: Congresso Internacional da Associação de Estudos Latinoamericano**, 23., 2001, Washington. DC, 2001.

LINO, Amanda C. **Memória social de mulheres de assentamentos de reforma agrária: a relação entre trabalho, política, educação e participação.** 2014. Dissertação (Mestrado)- Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2014.

MOREIRA, E. TARGINO, I. De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano. **Presidente Prudente: REVISTA NERA** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

--	--	--



QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva.** 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

RABELLO, D. **Camponeses assentados e as práticas agroecológicas do contexto do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP)**” Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista/UNESP, Presidente Prudente (SP), 2018.

REGALA, R. M. S. A legalização nefasta dos venenos no Brasil: agrotóxicos, sementes transgênicas e riscos à saúde. **Revista NERA**, v. 24, n. 60, p. 73-96, set.-dez., 2021.

ROSSET, P. A territorialização da Agroecologia na disputa de projetos, e os desafios para as escolas do campo. In: RIBEIRO, D. S. **Agroecologia na Educação Básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia.** 1ed. São Paulo: Outras Expressões, 2017.

--	--	--